

AS DIFERENTES PERCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM MESMO AMBIENTE ESCOLAR

Larissa Beraldo Kawashima
Luciane de Almeida Gomes
Cleomar Ferreira Gomes

RESUMO

O presente trabalho propõe refletir sobre as diferentes percepções de Educação Física que se estabelecem e se consolidam dentro de um mesmo ambiente escolar, uma escola pública da rede municipal de Cuiabá - MT. Assim, consiste em um estudo de caso que tenta culminar a percepção dos gestores na construção dos saberes em Educação Física e que se transformam em orientações, a percepção dos professores na transformação dos saberes em fazer pedagógico e, por fim, a percepção dos alunos que se apropriam desses saberes em espaços de aprendizagem.

Palavras-chave: Escola. Saberes em Educação Física. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

The present work proposes a reflection about the different perceptions of Physical Education that are established and consolidate in the school environment, a public school of Cuiabá city, Mato Grosso state. So, it consists in a case study that tries to culminate the managers perception in the construction of knowledge in Physical Education that changes in orientation, the teachers perception into the transformation of knowledge in pedagogic practice and, finally, the children perception that appropriated of this you knowledge in learning spaces.

Words keys: School. Knowledge in Physical Education. Pedagogic Practice.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre las diferentes percepciones de la educación física que se establezcan y se consolidan dentro de un entorno escolar, una red de escuelas públicas municipales de Cuiabá - MT. Por lo tanto, es un estudio de caso de que los intentos de poner fin a la percepción de los directivos en la construcción de los conocimientos en la Educación Física y se transforma en las directrices, la percepción de los profesores en la transformación del conocimiento en la toma de pedagógicos y, por último, la percepción de los estudiantes que tomar posesión de los conocimientos en áreas de aprendizaje.

Palabras clave: Escuela. Aprendizaje en Educación Física. Enseñanza.

Introdução

O projeto de Educação da Secretaria Municipal de Cuiabá, orientador das práticas pedagógicas das escolas municipais, tem como base as diretrizes da “Escola Sarã”, construído com a participação de supervisores escolares, professores

representantes do ensino fundamental, especialistas nas áreas de conhecimento e técnicos da Secretaria Municipal de Educação (CUIABÁ, 1999).

Este documento contempla a Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96), os Parâmetros Curriculares Nacionais, cabendo a cada escola a adequação do seu Projeto Político Pedagógico a esse conjunto de orientações, norteadoras do trabalho pedagógico do professor de 1º, 2º e 3º ciclos, conforme organização das escolas municipais. Trata-se de uma proposta aberta e flexível que não deve ser entendida como uma receita a ser seguida rigorosamente.

Ao tratar do componente curricular Educação Física, a concepção construída a partir dessas orientações se baseia nos estudos realizado pelo Coletivo de Autores (SOARES et. al., 1992), no qual o 1º ciclo corresponde “organização da identidade dos dados da realidade”, o 2º ciclo a “iniciação à sistematização do conhecimento” e o 3º ciclo a “ampliação da sistematização do conhecimento”.

Em publicação subsequente, a Secretaria Municipal de Educação traz considerações mais específicas para a Educação Física, tendo como referência o Paradigma da Cultura Corporal, entendendo como seu objeto de estudo a expressão corporal como linguagem. O conhecimento tratado pela disciplina deve levar em conta o desenvolvimento da historicidade da cultura corporal, através da reflexão pedagógica exteriorizada pela expressão corporal “no Jogo, na Dança, no Esporte, na Ginástica, na Luta, no Teatro e em outras situações do movimento humano” (CUIABÁ, 2000, p.122).

Assim, esta pesquisa, à luz de todas as orientações acumuladas no percurso do projeto de Educação pensado para o Município de Cuiabá, projeto Sarã, tem o objetivo de ilustrar as percepções de Educação Física compreendidas por gestores e professores de Educação Física e alunos de uma escola municipal de Cuiabá-MT, construída através das observações e experiências no contexto da escola, entendidos como espaço de acúmulo de saber. Um saber acumulado pelos gestores através da observação e de experiências, em relação aos professores de Educação Física espaço de acúmulo de saber e fazer pedagógico, e, para os alunos, de saber e aprender. Saberes que se consolidam de forma diferente dentro de um mesmo espaço escolar.

Metodologia

A pesquisa é de natureza qualitativa-interpretativa, no qual os dados coletados são predominantemente descritivos, incluindo transcrições de entrevistas e de depoimentos. Bogdan e Biklen (1994) destacam que a pesquisa de foro qualitativa tenta capturar a perspectiva do participante, isto é, a maneira como os sujeitos encaram as questões focalizadas. A análise de dados tende a seguir um processo indutivo, o que o configura como interpretativo.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com os gestores (diretor e coordenador), dois professores de Educação Física e seis alunos do 4º ano do ensino fundamental, sendo três alunos de cada professor entrevistado. As crianças foram indicadas pelos professores atendendo a características solicitadas pelo pesquisador, como o “mais-bagunceiro” da turma, o que “menos-participa” e o que “mais-participa-das-aulas”.

Os sujeitos serão identificados com as iniciais de seu nome, seguido por sexo, idade e função na escola. Deste modo, garantimos o sigilo das identidades dos sujeitos participantes deste estudo.

Caracterização da escola estudada

A escola pesquisada é da rede municipal de Cuiabá-MT, localizada no bairro Carumbé, atende alunos da educação infantil, 1º e 2º ciclos — crianças de quatro anos atendidas pela Educação Infantil, e a partir de seis anos no 1º. ano até 6º. ano do ensino fundamental. A coordenadora da escola nos descreve com detalhes a distribuição das aulas de Educação Física de acordo com a matriz curricular da escola.

Nós atendemos a três modalidades, Educação Infantil, primeiro e segundo Ciclo do Ensino Fundamental, a carga horária é a mesma. Os alunos têm duas horas/aulas semanais, eles têm duas horas de aula na semana e elas estão distribuídas um dia sim e outro não. (...) Primeiro porque a gente acha que duas horas de aula é muito pesado pros alunos, e depois isso também ajuda na organização da hora/atividade do professor, então fica por conta das duas coisas (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

A escola funciona num prédio alugado de um clube da cidade e por isso não dispõe de espaço adequado para as aulas de Educação Física. Conta com um pátio pequeno coberto e as salas de aula, no qual todas possuem ar condicionado. O clube tem um campo de futebol e um salão de festas que são requisitados pelos professores de Educação Física, mediante autorização, para suas aulas.

A Percepção dos Gestores: construção do saber e orientações para o fazer pedagógico do professor de Educação Física

O primeiro passo desta pesquisa foi a entrevista com gestores na intenção de compreender aspectos inerentes a esta área de conhecimento nesta escola, tais como a concepção de Educação Física que construíram, a satisfação com as aulas de Educação Física em sua escola e os direcionamentos ou orientações que eles oferecem aos professores em relação aos conteúdos de Educação Física que devem ser trabalhados.

A primeira intenção perseguida pelo roteiro da entrevista com a diretora da escola foi de conhecer a concepção de Educação Física, o que nos remete ao seguinte trecho transcrito:

A Educação Física pra mim ela vem pra contribuir com outras áreas. Ela trabalha várias habilidades entre elas a socialização, ela trabalha a questão de limite de espaço, de tempo, e ela vem através de brincadeiras, de lutas. A Educação Física eu acho é um complemento para desenvolver as outras habilidades (ANT/F, 38 anos, diretora).

Num primeiro olhar essa fala nos remete a uma dupla possibilidade de interpretação. Primeiro, que a Educação Física é apenas um auxiliar as outras disciplinas, ajudando-as na apreensão de seus conhecimentos e não portadora de saberes próprios. Segundo, a importância da Educação Física em contribuir com a formação de um ser humano integral que, aliado as habilidades apreendidas em outras disciplinas, vem apenas para somar. Assim, destaca em outro trecho de sua fala “(...) porque eu não

sou formada, mas quando você pensa como um parceiro, a Educação Física como um parceiro para a formação do indivíduo você começa a mudar (...)”.

Porém, quando indagada sobre os conteúdos específicos da Educação Física, sobre as orientações oferecidas por ela como gestora pra esses conteúdos, a diretora da escola tem uma visão coerente com a primeira interpretação. Para ela, os conteúdos devem atender aos interesses do que está sendo trabalhado nas demais disciplinas em sala de aula. A Educação Física tende a ser um apoio, um reforço as outras disciplinas, com conteúdos específicos, mas que servem de estratégias para reforçar os objetivos do professor de sala.

Olha, o que a gente orienta é o seguinte, que o professor precisa trabalhar mais integrado com o professor de sala, puxando atividades mais ou menos de acordo com os conteúdos trabalhados na sala. O que está sendo pensado na sala, eles vão ter essa troca pra ele estar buscando trabalhar, na medida do possível, junto com o professor de sala. E, que, eles precisam trabalhar bastante essa questão de limite das crianças, que as aulas têm que ser planejadas, que elas não podem ser dadas de qualquer coisa. Eles devem estar buscando o que você deve estar fazendo com essa aula, tipos de habilidades você vai estar conseguindo, você vai estar desenvolvendo. (ANT/F, 38 anos, diretora).

A coordenadora da escola prefere não se posicionar quanto a uma concepção de Educação Física, justificando não ser formada na área.

Eu conheço pouco infelizmente de Educação Física. A minha formação foi muito deficiente nessa área. E, depois, as oportunidades de estudar a Educação Física mesmo são poucas, então eu não tenho ainda uma opinião formada, uma concepção, a gente sempre trabalha no sentido de que a criança precisa de movimento pra se desenvolver. Tanto a parte física quanto o mental, o cognitivo, a Educação Física ajuda nesse sentido (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

Em relação aos conteúdos da Educação Física, a diretora e coordenadora tem visões diferentes sobre o assunto. Na realidade, a função de coordenação, em qualquer escola, exige por parte do professor que a assume, um contato maior com as práticas pedagógicas, o que é inerente a função. Mas, o que se percebe é que em sua fala, aponta para certa liberdade dos professores escolherem a melhor forma de trabalhar, dando apenas direcionamentos mais gerais, no âmbito pedagógico e não indicando conteúdos a serem trabalhados.

Por não dominar, é uma área que as professoras dominam muito mais do que eu, os conteúdos basicamente são elas que definem. Por exemplo, tá aqui a habilidade que foi encaminhada pela rede, aí o quê que a professora precisa fazer para dar conta, quais são os conteúdos que ela vai lançar mão pra dar conta? Aí a gente discute as habilidades, qual que é o conteúdo? Se ela me

disser é esse que vai dar conta, eu não tenho argumentos pra rebatê-la, não tenho, o que elas me dizem acaba ficando. Em algumas situações eu leio a respeito sobre o assunto, sobre a temática, eu tento comparar, verificar, mas eu ainda não tive elementos pra perceber que tinha alguma irregularidade grande naquilo que elas fizeram. Eu não tenho condições, infelizmente... (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

Para esclarecer sobre as habilidades mencionadas acima pela coordenadora, que ela diz ter sido “encaminhada pela rede”, foi necessário conhecer um documento de avaliação que é único para todas as escolas da Secretaria Municipal de Educação de Cuiabá-MT, os dossiês. Este documento, que é diferente para cada ciclo, traz uma matriz de habilidades e competências que os alunos devem desenvolver através do trabalho do professor. Não importa qual conteúdo será desenvolvido, ele sempre será avaliado em relação às habilidades e competências determinada para a matriz do ciclo em que ele se encontra. Para o 1º. ciclo, por exemplo, uma das habilidades a ser construída na Educação Física é “criar, imitar e recriar gestos, expressões, coreografias, sequências de movimentos corporais”. A coordenadora sugere que os professores de Educação Física selecionem os conteúdos específicos com base nas habilidades propostas pela rede municipal, que nada mais são do que objetivos a alcançar com os alunos. Esse documento é determinante para organização do trabalho do professor.

Podemos perceber ainda pela fala da diretora a rejeição a “bola”, ou seja, aulas em que o professor dá a bola aos alunos para jogarem futebol. Darido (2005) nos alerta que esta prática é bastante condenável, pois se desconsidera a importância dos procedimentos pedagógicos do professor. Fazendo um paralelo com a Educação Física, ainda questiona “se os alunos são capazes de aprender o conhecimento histórico, geográfico ou matemático sem a intervenção de professores” (p. 4). Vejamos a opinião da diretora.

Assim, aquela concepção de bola pra mim, ela já deixou de ser há bastante tempo. Então, quando os professores chegam aqui, a gente já diz que a escola não vê a Educação Física como bola, e os alunos eles já começaram a mudar também essa concepção, eles já aceitam mais, outros tipos de atividades que não seja apenas o futebol (ANT/F, 38 anos, diretora).

Quanto à prática exclusiva do futebol, a coordenadora concorda com a diretora, porém é mais flexível e a favor de uma negociação entre professor e alunos para que essa prática ocorra de vez em quando, ou seja, como forma de controle, a bola será dada e troca do comportamento nas demais aulas. A coordenadora ainda sugere práticas variadas, diversificando conteúdos e atividades nas aulas.

E a professora da tarde, a professora JOS negocia com eles, porque se fizer a vontade, eles fazem futebol em todas as aulas, então, eu solicitei, falei: “olha, futebol em todas as aulas não dá, nós precisamos organizar melhor”. Então ela não faz. E ela também não concorda com isso, mas eu já tive vários professores que eles queriam futebol, porque aí as crianças entram pro campo, se arrebatam lá e fica mais fácil pro

professor. Aí não, não, futebol não, e aí vamos negociar pra acontecer, durante o mês eles tem oito aulas de Educação Física, mais ou menos, em média, no decorrer do mês, então vamos distribuir aí por várias modalidades, vários tipos de atividades, vamos dançar numa aula, em outra vamos jogar futebol, é, vamos variar aí. (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

Outro ponto de destaque é a preocupação com a saúde do corpo, a alimentação. É comum profissionais de outras áreas da Educação (ou não) relacionar a Educação Física a saúde do corpo, o que não é incorreto, só não se pode tomá-la como única. Nahas (1997) sugere que um programa de Educação Física escolar não se deve resumir a jogos e modalidades esportivas, mas deveria propiciar a elaboração de conhecimentos de atividade física para o bem-estar e saúde, entre outros fatores. E, por se tratar de um Tema Transversal (BRASIL, 1998), ou seja, um tema emergencial social e por isso deve ser tratado por todas as disciplinas, inclusive a Educação Física, a coordenadora tem razão em se preocupar com o entrelaçamento entre a Saúde e a Educação Física, mas não deveria ser apenas por esta disciplina.

(...) a gente tenta trabalhar a questão da saúde aliada à Educação Física, a saúde do corpo mesmo, a questão da alimentação, a gente discute muito, eu solicito que os professores façam esse trabalho também nesse sentido (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

A coordenadora SIL destaca que solicita aos professores o trabalho com o tema Saúde, por acreditar ser relevante para os alunos. Veremos no decorrer do texto que um dos professores da escola adota o tema Saúde em suas aulas. A coordenadora, mesmo preferindo não se posicionar sobre uma concepção de Educação Física, no decorrer de sua fala se torna porta-voz de um coletivo que reflete sua visão da disciplina.

Nós defendemos que a Educação Física seja assim, divertida, que trabalhe bastante também com a parte recreativa, que as crianças tenham a oportunidade de brincar, é... de dançar, de correr (...) (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

É importante destacar, na fala da coordenadora, a opção por aulas divertidas, pelo brincar, o que vai de encontro com a visão da diretora em não aceitar aulas exclusivamente esportivas. O brincar (a recreação) neste caso pode ser compreendido como o processo de ensino que deve ser adotado pelos professores de Educação Física para ensinar os conteúdos específicos, em “utilizar o movimento para se desenvolver”, como disse a coordenadora.

Quando questionadas sobre a satisfação quanto às aulas de Educação Física em sua escola, as gestoras têm opiniões parecidas e se incomodam com a indisciplina dos alunos durante as aulas.

Ah! Eu enquanto gestora eu num to, assim, triste, mas, não só pelo trabalho dos professores, mas pela recepção dos alunos, porque hoje tá muito complicado, principalmente Educação Física por causa da disciplina. É falta mesmo de respeito que as

crianças têm hoje, né? Pra eles Educação Física parece que é um momento assim de soltar tudo que está preso dentro, então, pro professor conseguir ele tem sofrido muito, muito mesmo, professor de Educação Física é o que mais sofre, porque, quando ele sai do espaço fechado de quatro paredes, e ganha o pátio, nossa, é uma loucura. Então eles se machucam, eles não conseguem ainda... Um comando que o professor dá tem que repetir isso três, quatro ou cinco vezes pra ele poder conseguir, então eles perdem muito tempo só dando comandos e organizando as aulas, então pra mim a insatisfação ainda está na forma como as crianças recebem isso (ANT/F, 38 anos, diretora).

Olha, eu acho que são boas. Eu percebo assim uma séria dificuldade de alguns professores no domínio das crianças. Hoje nós temos crianças assim com muito mais energia, ou com uma dificuldade de se disciplinar muito grande, e aí, o comando do professor às vezes, fica prejudicado (...). Eu percebo assim, certa dificuldade, de alguns professores, não são todos, mas um ou outro, no domínio, porque eles estão em um espaço maior, e aí controlar e fazer com que a aula ocorra de forma satisfatória (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

As gestoras apontam também que os professores têm dificuldades em controlar as turmas durante as aulas, justificando essa assertiva pelo espaço aberto (amplo) que é a sala de aula do professor de Educação Física. Essa é uma peculiaridade da Educação Física que a difere das outras disciplinas, pois temos os mais variados espaços para desenvolvermos nossos conteúdos. Porém, é uma aula sem privacidade, no qual outras pessoas observam nossas aulas e até dividem os espaços conosco. É um contexto complexo, onde os professores precisam lidar com o tempo, espaço, barulhos, visitantes inoportunos, materiais diversos e às vezes escassos, pequenos acidentes que podem acontecer em qualquer aula, etc. Neste sentido, professores pouco experientes tendem a ter maiores dificuldades para resolver problemas surgidos em aula, como a indisciplina.

A coordenadora indica soluções adotadas por ela para lidar com a indisciplina dos alunos e justifica que somente toma providências nestes casos e não quando o aluno simplesmente não quer participar da aula. Segue a fala da coordenadora.

De vez em quando eles mandam um aluninho ou outro pra ficar comigo lá, e aí o quê que eu converso muito com as professoras e com os alunos? Por que ele veio? Ele não quis fazer. Se a resposta é essa ele volta. Ele volta porque eu pergunto pra ele assim: Se a sua professora de matemática estiver ensinando divisão na sala, e ela falar assim: hoje vocês estudarão a divisão. Você diz assim eu não gosto de divisão e por isso não vou fazer a aula, você diz assim? Não, não diz, então, com a professora de Educação Física você também não vai dizer, é aula. Porque fala assim. Ah! Eu não quis ficar na aula hoje porque é dança e eu não quero dançar! Ah! Eu não quis ficar na aula porque hoje é uma brincadeira que eu não gosto, é um jogo que eu não gosto! Não, é aula. Se é aula, você vai assistir, tem algum impedimento

médico, religioso pra você não fazer? Não, não tem. Então você vai voltar. Eu trago de volta e falo: Professora, ele vai fazer a aula. Porque eles não, ele não diz pra professora de matemática, de português, eu não gosto de fazer redação então eu não vou fazer, eu não gosto de divisão e multiplicação, então eu não vou fazer. Então em Educação Física também ele não vai fazer, eu devolvo ele pra aula, né. Tem vez que a professora devolve porque ela não tá conseguindo fazê-lo se relacionar, tá com problema de socialização, é um jogo de futebol e ele está derrubando muito os colegas, tá empurrando, tá machucando, né, aí quando ela tira por esse motivo, aí eu recebo ele lá na sala, lavro uma ocorrência, chamo a família pra conversar, mas quando é porque ele não gosta da aula ele volta. Ele volta pra aula: Você negocia isso com a sua professora (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

Outra solução encontrada contra a indisciplina são as aulas combinadas entre professor e aluno para a prática do futebol, se configurando como um “brinde” quando as aulas ocorrem conforme combinado.

Aí parece-me que são duas vezes no mês, e parece que tem um brinde se as outras aulas saem bem, uma coisa assim, eu sei que não acontece todos os dias, aí tem dado certo, tem funcionado desta forma, diminuíram o número de alunos indisciplinados e diminuíram também o número de alunos que voltavam porque não queriam fazer a aula (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

A coordenadora ainda justifica a qualidade do trabalho dos professores pelas limitações da escola quanto aos espaços físicos apropriados às aulas de Educação Física.

(...) mas o que os professores propõem, eles propõem de maneira muito interessante, porque há uma limitação muito grande na escola de material e de espaço. Como vocês bem vêem, eles sofrem, os professores sofrem com a questão do espaço, não existe quadra, não existe um espaço adequado, adequado pra eles ministrarem as aulas, então, é, às vezes uma parte da deficiência da qualidade não diz respeito ao desempenho e a organização do profissional, mas as condições de trabalho que ele tem (SIL/F, 34 anos, coordenadora).

Percepção dos Professores: o saber transformado em fazer pedagógico

Consideramos que o fazer pedagógico do professor não é um processo desarticulado do contexto e dos saberes e da escola. Saberes que levam em conta um conjunto de orientações formais, como a Lei de diretrizes e bases da Educação (Lei 9394/96), os Parâmetros Curriculares Nacionais, o Projeto de Educação pensado para o Município de Cuiabá, Projeto Sarã, e as Concepções construídas pela articulação das peculiaridades do contexto da unidade escolar em que o trabalho se estabelece.

Consideramos aqui, as orientações não formais como sendo os saberes acumulados de observação, ou na prática pedagógica que oferecem certas interferências na organização pedagógica do professor, no caso, do professor de Educação Física. Selecionar e organizar os conteúdos que darão conta do que se propõe, é tarefa do professor de Educação Física organizada no seu plano de ensino.

Quando solicitados que os professores respondessem em relação à existência de orientações oferecidas pela gestão da escola, as opiniões divergem entre si. O professor ROB, do período matutino, diz que é pedido a ele trabalhar a interdisciplinaridade com as professoras das outras disciplinas. Todavia, sua fala se aproxima mais do que a diretora da escola sugere com o “trabalhar mais integrado com o professor de sala”, ou seja, auxiliar as outras disciplinas, e nada tem haver com a organização de uma prática interdisciplinar.

Que se trabalhe a interdisciplinaridade, entre o professor, os professores de sala e Educação Física juntamente com artes, então a gente... é difícil, mas de vez em a professora fala “esta semana vamos trabalhar tal coisa”, dentro do que ela for trabalhar, a gente faz nosso planejamento pra atingir uma coisa só (ROB/M, 31 anos, professor)

Assim, pela fala desse professor, reforçado no trecho transcrito a seguir, podemos afirmar que a interferência dos outros profissionais na seleção dos conteúdos de suas aulas é um fator relevante.

(...) eu amarro muito na questão do outro profissional que é o professor da sala de aula. (...) Você vai lá, vê com a professora, principalmente da Educação Infantil, são crianças que estão assim em pré- formação mesmo, então a gente tá querendo trabalhar de acordo com o que a turma ou a professora está trabalhando dentro da sala de aula, pra haver também esta continuidade (ROB/M, 31 anos, professor).

Devemos lembrar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, em seu Art. 26, § 3º, traz “a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1996). Pois bem, a Educação Física sendo componente curricular, tem um conjunto de conteúdos próprios, não podendo ficar a mercê de outras disciplinas, atuando como auxiliar.

A professora JOS, do período vespertino, argumenta que não existe interferência da gestão da escola, principalmente quanto à especificidade de Educação Física, exatamente como sugeriu a coordenadora anteriormente.

Não, direção, orientação como eles querem o trabalho não. Quando entrei aqui há três anos atrás, perguntei o que eles queriam da Educação Física, porque a moda da casa, então o que foi pedido assim é tá no horário que a escola dispunha, a aula tem que tá dentro da grade, mas não foi acrescentado uma orientação. Da coordenação o que foi pedido foi pra estruturar o

trabalho, então estrutura-se o trabalho em conteúdo e divido anual, bimestral e o planejamento (JOS/F, 38 anos, professora).

Somados a fala da coordenadora, citada anteriormente como percepção dos gestores, torna-se claro que a professora JOS também não concorda com aulas exclusivamente esportivistas. A professora diz “difícilmente eu trabalho com esporte, nem com noção, nem com fundamentos, mais assim pré-desportivo básico, então aí depois cada um vai fazer o que quer, mas no momento é pré-desportivo” (JOS/F, 38 anos, professora).

Na fala da professora JOS a seguir é perceptível a opção por aulas lúdicas, em que a criança tem o prazer de participar e brincar muito, como ela mesma destaca. Outro ponto de destaque é a troca que ela propõe aos alunos através de um “combinado” feito no primeiro dia de aula.

Mas é assim, nós brincamos muito! (...) Então o combinado que a gente faz durante... então o 1º bimestre, o 1º contato com eles, daí nós tiramos como nós vamos trabalhar. Então, tem uma sala que nós trabalhamos aqui com exercícios e com brincadeiras, um dia de exercícios outro dia de brincadeiras. A brincadeira é livrezinha, eles escolhem, “vamos fazer isso?”, vamos, “vamos fazer aquilo?”, vamos, “vamo?”, vamo. (...) E com as outras turmas é combinado também, porque eu não trabalho com o esporte, mas eles pedem muito. E nas outras escolas a gente sabe que assim que eles jogam o futebol, todos os dias. Então o nosso combinado é que 2 vezes por mês eles jogam futebol (JOS/F, 38 anos, professora).

Para as turmas de 1º ciclo, propõe que uma aula seja livre, com atividades a escolha dos alunos, e outra aula ela propõe as atividades. Já com as turmas maiores, de 2º ciclo, ela combina o futebol duas vezes por mês, como explicitou a coordenadora da escola anteriormente.

Ao ser questionada sobre os conteúdos específicos da Educação Física, a professora JOS faz menção as habilidades motoras sugeridas por Tani (1998), em sua abordagem desenvolvimentista. Porém, os procedimentos utilizados no desenvolvimento de suas aulas não são compatíveis a esta abordagem, já que privilegia o lúdico.

Habilidades de deslocamento, então as corridas, estafetas, o que envolver o deslocamento. Habilidades de estabilização: o equilíbrio, dinâmicas, de todas as formas. Habilidades de manipulação: tudo que envolver o contato com mão, bolas diferentes e tudo mais, e... Que mais? Movimentos combinados (JOS/F, 38 anos, professora).

A professora acrescenta ainda o trabalho com “atividades de recreação, as atividades de dança, jogos de mesa, (...) e também com alguns jogos pré-desportivos”. Esta fala sugere que a abordagem desenvolvimentista realmente não é a única adotada pela professora, mostrando uma diversificação dos conteúdos trabalhados.

O professor ROB menciona o trabalho com o tema Saúde, como sugerido pela coordenadora da escola. Cita os conteúdos que desenvolve com os alunos e ainda diferencia as formas de trabalhá-los com cada ciclo de formação. É possível perceber também que seu trabalho é organizado, planejado e, juntamente com o planejamento, foi elaborado um projeto para tratar do tema Saúde, no qual tivemos acesso a uma cópia.

(...) assim, a partir do 2º ciclo eu já trabalho mais na área da saúde, prevenção, doenças degenerativas, volume de peso, essas coisas todas que envolvem cálculo. Teórica também. E a outra parte, é uma parte que eu posso envolver o mesmo conteúdo, mas em nível de recreação, em nível de conversa, vai daqui pra ali, porque tem muitas crianças que não lêem ainda, mas entendem. Agora, é diferente do pessoal do 2º ciclo, já sabe copiar, já sabe resolver algumas operações, então a partir dali a gente vai incrementando também esses conteúdos de acordo com o que eles estão sabendo realizar em sala de aula. (...) porque tem a mídia que fala muito sobre a questão da caminhada, da atividade física, então eu uso também esse detalhe pra gente colocar em sala de aula (ROB/M, 31 anos, professor).

É interessante destacar na fala acima a utilização de aulas teóricas para o 2º ciclo e a importância de apresentar o tema Saúde para os alunos nas aulas de Educação Física, enfatizando que é um assunto veiculado frequentemente pela mídia e, assim, de fácil acesso e interesse dos alunos. As aulas teóricas vêm de encontro com as dimensões do conteúdo elaboradas por Coll (2000), no qual preconiza que os conteúdos de todas as disciplinas devem contemplar o “saber fazer” (dimensão procedimental), “o que se deve saber” (dimensão conceitual) e “como se deve ser” (dimensão atitudinal).

As aulas teóricas fazem menção à dimensão conceitual do conteúdo, aliás, a partir do momento em que o professor propõe o trabalho com o tema transversal Saúde, já se supõe o uso das três dimensões do conteúdo. Pois, além da teoria, ele tenta colocar em prática os conceitos ensinados e subentende-se que haverá uma conscientização dos alunos quanto ao tema apreendido, ou seja, haverá uma mudança de atitudes em relação a saúde de seu corpo.

Percepção dos alunos: saber e aprender

Por fim, como última etapa deste trabalho de pesquisa, a percepção dos alunos necessitou ser considerada para completude do trabalho.

Todas as crianças entrevistadas disseram gostar das aulas de Educação Física, justificando que “é muito legal”, “porque brinca”, “porque ele é legal com a gente”, “ajuda a melhorar o comportamento” ou ainda “porque ele ensina a gente bastante sobre o corpo humano, sobre o futsal, saque, sobre essas coisas”.

Percebe-se que as crianças atribuem o gosto pelas aulas à diversão, alegria, a brincadeira proporcionada pelas aulas. A maioria das falas atreladas a brincadeira são dos alunos da professora JOS, que destacou anteriormente a importância das crianças brincarem. Já as falas referentes ao professor ser legal ou sobre o que ensina nas aulas, se refere ao professor ROB.

Os alunos da professora JOS, quando solicitados a responder sobre o que aprendem nas aulas de Educação Física, alegam que a brincadeira se faz presente em

todas as aulas. Isso não é novidade, já que a professora diz intercalar as aulas em que as crianças brincam “livrezinhas” com aulas programadas.

Neste sentido, Château (1987, p. 14) observa que “perguntar por que a criança brinca, é perguntar por que é criança”. Para a criança, quase toda atividade é jogo (brincadeira) e é através dele que ela adivinha e antecipa suas condutas superiores. Ou seja, por mais que os professores de Educação Física proponham jogos pedagógicos em suas aulas, com o objetivo de ensinar algum conteúdo aos seus alunos, para as crianças, se houver diversão, será sempre brincadeira.

Muitas brincadeiras. É... Ginástica. Ah... Ela deu música. Aprendi a dançar. Um monte de coisa. Ensina a brincar (GEA/M, 11 anos, aluno).

Eu aprendo as brincadeiras (GIS/F, 10 anos, aluno).

As brincadeiras. De queimada, pega-pega, barra manteiga, maestro... Dança dos idosos (REN/F, 9 anos, aluno).

A dança e a ginástica são outros elementos presentes na fala das crianças, o que é coerente com a fala da professora quando sugere conteúdos diversificados. Os alunos do professor ROB aparentam ter mais clareza no quê aprendem nas aulas de Educação Física. Vejamos os depoimentos.

Basquete, vôlei, dança, alimentação... Acho que é só (GAB/M, 9 anos, aluno).

Eu aprendi sobre o corpo humano bastante, sobre o coração, sobre o idoso, sobre prática do futsal, um monte de coisas, porque Educação Física não é só brincar é também fazer atividades (LIL/F, 9 anos, aluno).

Eu aprendi a jogar vôlei, brincar de alerta cor, brincar de jogar bola (JUL/F, 10 anos, aluno).

Os alunos falam sobre conteúdos esportivos, dança e brincadeiras, mas também destacam conteúdos ligados ao tema Saúde, como alimentação e funcionamento do corpo humano. Em outro trecho da entrevista, a aluna LIL comenta algumas atividades desenvolvidas em aula, fazendo referência ao projeto “Saúde”, desenvolvido pelo professor.

Ele manda a gente fazer trabalho e eu consigo. Aí um dia minha mãe, é agente comunitária de saúde, ela traz um monte de papel sobre o corpo humano, sobre bastante, aí ela tava falando sobre obesidade, aí eu peguei o livrinho dela, copiei tudo, ele passou pra sala inteirinha. Fiz o trabalho na folha aí ele passou pra todo mundo. Eu fiz vários trabalhos que fala sobre o peso da família, escolher 10 pessoas da família pra poder falar sobre o peso, sobre a obesidade (LIL/F, 9 anos, aluno)

A mesma aluna LIL ainda relata sobre as aulas teóricas, no qual as crianças têm caderno para anotar o que o professor ensina: “Ele fala também se alguém puder ter um caderno, senão pega o caderno de sala porque a professora é muito legal e ela deixa”.

Considerações finais

A visão dos gestores da escola nos remete à idéia latente de que o professor de Educação Física já não pode mais ser aquele especialista em determinado conteúdo, ele precisa estar “atualizado”, diversificando e contextualizando sua prática docente com a vida cotidiana. Algumas concepções ainda precisam ser transformadas, principalmente aquelas referentes à Educação Física como apoio as outras disciplinas. Porém, apenas a mudança de atitude do professor em sua prática pedagógica é capaz de mudar essa concepção equivocada dos gestores e professores de outras áreas.

Nas percepções dos professores é compreensível a miscelânea de concepções, confirmando a proposição de que o professor se apropria dos saberes necessários a sua prática diária na escola, buscando nas diversas tendências da Educação Física escolar aquilo que atende a sua realidade e negando o que não lhe é necessário. Por isso, não é incoerente constatar, por exemplo, que a professora JOS se apropria de conteúdos próprios da tendência desenvolvimentista, aliado à dança e à ginástica, mas utilizando a brincadeira como conduta pedagógica.

Com isso, os alunos verbalizam aquilo que aprendem de acordo com a prática de cada professor. Se a brincadeira é o veículo para o ensino de conteúdos específicos, os do corpo, nada mais natural do que a criança sentir prazer nas aulas de Educação Física e se apropriar desse saber como o que é apreendido nas aulas. Se as aulas teóricas, as do espírito, como alegoriza Gomes (2001, p. 53-59) são estratégias necessárias ao ensino de conteúdos conceituais, os alunos são capazes de compreender e se conscientizar acerca dos temas trabalhados, mesmo que o prazer não seja inerente, mas instigado pelo desafio de adquirir novos conhecimentos.

Neste ínterim, é notório que o espaço escolar faz conviver diferentes concepções e percepções construídas dentro da disciplina de Educação Física, personalizada por cada professor que a constrói. Assim, pode-se observar que as orientações formais e não formais são as mesmas para os dois professores no estudo em questão, mas o saber e o fazer são diferentes, o que explica concepções e percepções diferentes por parte de gestores e alunos.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (LEI nº 9.393/96). Brasília, 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC SEF, 1998. (3º e 4º ciclos).

CHÂTEAU, J. O jogo e a criança. São Paulo: Summus, 1987.

COLL, C. et. al. Os conteúdos na reforma: ensino aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CUIABÁ, Secretaria Municipal de Educação. Escola Sarã: Cuiabá nos ciclos de formação – na política educacional do presente, a garantia do futuro. Cuiabá: SME, 2000.

CUIABÁ, Secretaria Municipal de Educação. Escola Sarã: um novo contexto político-pedagógico para as escolas municipais de Cuiabá. Cuiabá: SME, 1999.

DARIDO, S. C., RANGEL, I. C. A. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GOMES, C. F. Meninos e brincadeiras de Interlagos: um estudo etnográfico da ludicidade. São Paulo: USP-Feusp, 2001.

NAHAS, M.V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Londrina: Midiograf, 2001.

SOARES, C. L. et.al. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

TANI, G. et al. Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

Endereço:

Rua A, nº 311, residencial Diamante 2, bloco A2, apto. 64

Bairro: Terra Nova

Cuiabá-MT

CEP: 78050-400

E-mail: lalabeka@hotmail.com

Comunicação oral: projetor multimídia (data show)